

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
TERMINALIDADE: PATRIMÔNIO CULTURAL**

**EVOLUÇÃO DA ARQUITETURA EM PIRATINI:
SÉCULOS XIX E XX**

KARINE KRAMER MERIB FARIAS

**Pelotas
Agosto, 2012**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
TERMINALIDADE: PATRIMÔNIO CULTURAL**

**EVOLUÇÃO DA ARQUITETURA EM PIRATINI:
SÉCULOS XIX E XX**

KARINE KRAMER MERIB FARIAS

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Santos

**Monografia apresentada ao Curso
de Pós-Graduação em Artes como
requisito parcial para obtenção do
grau de Especialista em
Patrimônio Cultural.**

**Pelotas
Agosto, 2012**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao grande arquiteto do universo que me inspirou a entrar neste curso que me trouxe tantos desafios e alegrias. Agradeço à minha família, Kerlon, Maria Luísa e Maria Laura, pelo apoio incondicional, em especial ao meu marido que cuidou de nossas filhas enquanto eu estudava. E a Maria Luísa e a Maria Laura, por ter aceitado e compreendido minha ausência em muitas noites e finais de semana.

Ao Profº Carlos Alberto Santos, pela orientação recebida e, paciência quando tudo parecia não estar indo para o caminho certo.

RESUMO

O trabalho aborda a arquitetura edificada na cidade de Piratini durante o século XIX e XX. No decorrer deste período destacaram-se os estilos luso-brasileiro e eclético nas construções realizadas. A partir da conceituação das duas estéticas e da análise dos prédios estudados evidenciou-se um processo evolutivo da arquitetura de Piratini, segundo os materiais utilizados, as técnicas construtivas empregadas e as características estéticas das caixas murais. O estudo possibilitou identificar os períodos históricos que a cidade, a região e o país viveram na época. As construções luso-brasileiras identificaram-se com o Brasil colonial, enquanto as ecléticas relacionaram-se com o Brasil imperial e republicano e com as importações de novos materiais advindos da Revolução Industrial europeia. Os edifícios ecléticos assumiram um caráter visual e funcional moderno associado a uma ideologia de modernidade que fundamentou a sociedade brasileira, tanto nas grandes capitais como nas pequenas cidades das regiões periféricas. Salientou-se que o conjunto arquitetônico de Piratini esboça a história e a memória de seu povo e, hoje é parte integrante do Patrimônio Cultural da cidade, razão pela qual deve ser preservado.

Palavras-chave: Arquitetura; Luso-brasileiro e Ecletismo; Patrimônio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Na imagem à esquerda: Casa térrea da estética luso-brasileira. Na imagem à direita: Sobrado urbano luso-brasileiro	12
Figura 2: Na imagem à esquerda: Beirais do tipo beira sob beira e cimalha ornamentada com cornijas, Olinda/PE. Na imagem à direita: Beiral com cachorros de madeira, tanto na casa térrea como no sobrado da arquitetura de São João Del Rei/MG	14
Figura 3: Na imagem à esquerda: Parede na técnica de pau a pique. Tiradentes/MG. Na imagem à direita: Parede na técnica taipa de pilão	15
Figura 4: Marco de esquadria em pedra de cantaria e escuro em duas folhas de madeira almofadadas	16
Figura 5: Tipos de janela pelo funcionamento	16
Figura 6: Na imagem à esquerda: Igreja de Madeleine, Paris/França. Na imagem à direita: Parlamento Inglês, Londres/Inglaterra	17
Figura 7: Na imagem à esquerda: Grand Palais, Paris/França. Na imagem à direita: Ópera Charles Garnier, Paris/França	18
Figura 8: Na imagem à esquerda: Academia Imperial de Belas Artes, Rio de Janeiro/RJ. Na imagem à direita: Pórtico da Academia Imperial de Belas Artes, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro/RJ	20
Figura 9: Na imagem à esquerda: Prédio da antiga Alfândega, Rio de Janeiro/RJ. Na imagem à direita: Prédio atual Casa Brasil, Rio de Janeiro/RJ	20
Figura 10: Na imagem à esquerda: O Teatro Municipal, Rio de Janeiro/RJ. Na imagem à direita: Museu de Belas Artes, Rio de Janeiro/RJ	22
Figura 11: Na imagem à esquerda: Solar do Almirante, Rio Pardo/RS. Na imagem à direita: Detalhe do teto em gamela, apoiado sobre os frechais das paredes	24
Figura 12: Na imagem à esquerda: Charqueada São João, Pelotas/RS. Na imagem à direita: Pátio interno. Charqueada São João.....	24
Figura 13: Na imagem à esquerda: Sobrado dos Azulejos, Rio Grande/RS. Na imagem à direita: O sobrado após a restauração	25
Figura 14: Convento de São Francisco, Salvador/BA. Detalhe do claustro conventual com seus painéis de azulejos	25
Figura 15: Nas duas imagens: Esquema compositivo tripartido com marcações horizontais e verticais	27
Figura 16: Na imagem à esquerda: Palácio Piratini, Porto Alegre/RS. Na imagem à direita: Prédio da antiga Agência de Correios e Telégrafos, Porto Alegre/RS	27

Figura 17: Na imagem à esquerda: Detalhe do frontispício da antiga Agência de Correios e Telégrafos, Porto Alegre/RS. Na imagem à direita: Detalhe da fachada	28
Figura 18: Na imagem à esquerda: Prédio da antiga Alfândega, Porto Alegre/RS. Na imagem à direita: Detalhe do frontispício	29
Figura 19: Na imagem à esquerda: Detalhe das estátuas na fachada. Na imagem central: Detalhe de uma cabeça feminina. Na imagem à direita: Detalhe da estátua de Atlas	29
Figura 20: Na imagem à esquerda: Biblioteca Pública, Pelotas/RS. Na imagem à direita: Detalhe de estátua na fachada	30
Figura 21: Na imagem à esquerda: Clube Caixeiral, Pelotas/RS. Detalhe de estátua na fachada. Na imagem ao centro: Clube Caixeiral, Pelotas/RS. Na imagem à direita: Clube Caixeiral, Pelotas/RS	30
Figura 22: Na imagem à esquerda: O sobrado do Barão de Butuí, Pelotas/RS. Na imagem ao centro: Casarão do Barão de São Luis, Pelotas/RS. Na imagem à direita: O casarão do Barão de Cacequi, Pelotas/RS	31
Figura 23: Centro Histórico de Piratini/RS	33
Figura 24: Na imagem à esquerda: Vista da Avenida Gomes Jardim na década de 50. Na imagem à direita: Vista da Avenida Gomes Jardim nos dias de hoje	34
Figura 25: Na imagem à esquerda: Praça da República Rio-Grandense (em frente à prefeitura). Na imagem à direita: Praça da República Rio-Grandense, após remodelação sofrida na década de 70. Praça da República Rio-Grandense	35
Figura 26: Na imagem à esquerda: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Na imagem à direita: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição nos dias atuais	35
Figura 27: Na imagem à esquerda: Casa de Garibaldi. Na imagem à direita: Antiga Farmácia Caridade	37
Figura 28: Na imagem à esquerda: Antiga Casa de Fazenda. Na imagem à direita: Casa da Família Costa	38
Figura 29: Na imagem à esquerda: Casa Comercial dos Fabião. Na imagem à direita: Residência de Gomes de Freitas	39
Figura 30: Na imagem à esquerda: Casa de Camarinha. Na imagem à direita: Casa de Camarinha	39
Figura 31: Na imagem à esquerda: Prédio da antiga Cadeia. Na imagem à direita: Casas oriundas do prédio do Teatro Municipal 7 de Abril	40
Figura 32: Na imagem à esquerda: Palácio do Governo da República Rio-Grandense. Na imagem à direita: Palácio do Governo da República Rio-Grandense	41
Figura 33: Na imagem à esquerda: Museu Histórico Farroupilha. Na imagem à direita: Museu Histórico Farroupilha, após restauro concluído no ano de 2011	41
Figura 34: Na imagem à esquerda: Sobrado da Dorada. Na imagem à direita: Sobrado de Vicente Lucas de Oliveira	42

Figura 35: Na imagem à esquerda: Antiga Casa da Câmara, atual Prefeitura Municipal. Na imagem à direita: Prefeitura Municipal 44

Figura 36: Na imagem à esquerda: Antiga residência de Egydio Rosa. Na imagem à direita: Antiga Casa Fabião 45

Figura 37: Na imagem à esquerda: Residência de Pantaleão Médice da Silveira. Na imagem à direita: Loja Maçônica Rio Branco 46

Figura 38: Na imagem à esquerda: Antiga Casa do Comendador Moreira Fabião. Na imagem à direita: Antiga Casa do Comendador Moreira Fabião. Detalhe das esquadrias com ferro e vidro colorido 46

Figura 39: Na imagem à esquerda: Prédio Palácio Governo da República Rio-Grandense e, ao lado, antigo Ministério da Guerra. Na imagem à direita: Prédio do antigo Ministério da Guerra 47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ARQUITETURA CIVIL NO BRASIL: LUSO-BRASILEIRO E ECLETISMO	11
1.1 A estética luso-brasileira	11
1.2 A estética eclética	17
1.3 O luso-brasileiro no Rio Grande do Sul	23
1.4 O ecletismo no Rio Grande do Sul	26
2 A EVOLUÇÃO DA ARQUITETURA CIVIL EM PIRATINI: LUSO-BRASILEIRO E ECLETISMO	32
2.1 Contexto Histórico da Arquitetura Civil de Piratini e sua evolução	32
2.2. O luso-brasileiro nas edificações de Piratini	36
2.3. O ecletismo nas edificações de Piratini	43
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Piratini é uma das mais antigas cidades do Rio Grande do Sul. É considerada uma cidade histórica, pois durante a Revolução Farroupilha (1835-1845) foi uma das capitais políticas do Governo Revolucionário Federalista. A cidade apresenta um rico conjunto arquitetônico característico das estéticas luso-brasileira e eclética, cujas edificações apresentam valores estéticos e históricos. Razões que colaboraram para que esses antigos edifícios fossem inseridos como parte do Patrimônio Cultural da cidade. Atualmente, muitos desses prédios foram restaurados e alguns transformados em museus. Porém, por parte da Administração da localidade não existem políticas públicas para a preservação e conservação deste conjunto arquitetônico como um todo.

Esta pesquisa busca mostrar a evolução da arquitetura em Piratini no decorrer do Século XIX e princípios do XX. Analisa a parte externa dos edifícios e revela a significância do conjunto arquitetônico e a sua representação artística no contexto nacional. O principal objetivo desta monografia é fomentar e, quem sabe, fundamentar ações públicas para resgatar a memória e preservar a arquitetura do lugar.

A metodologia utilizada neste trabalho se embasou em pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica em publicações da área da Arquitetura concorreu para discorrer sobre as estéticas arquitetônicas luso-brasileira e eclética empregadas na arquitetura civil – suas origens, peculiaridades e desenvolvimento – tanto na Europa, como no Brasil e no Rio Grande do Sul, o que compõe o primeiro capítulo do trabalho. Em bibliografia especializada da área da História buscou-se fundamentação para discorrer, de maneira sintética, sobre a história da cidade e de fatos históricos que nela ocorreram. Obras de autores gaúchos auxiliaram para a redação do texto sobre o desenvolvimento dessas duas correntes arquitetônicas em Piratini, visíveis

nos exemplares que ainda existem na cidade e peculiares aos diferentes contextos históricos nos quais foram produzidas. Em pesquisa de campo foram visitados e fotografados os edifícios estudados.

CAPÍTULO 1

Arquitetura civil no Brasil: o luso-brasileiro e o ecletismo

1 Arquitetura civil no Brasil

Ao estudarmos a história da arquitetura no Brasil e seus quadros de desenvolvimento, percebemos que as estéticas luso-brasileira e eclética decorreram das realidades de cada um dos períodos citados, cujos edifícios se identificavam com as ideologias e os contextos em que foram produzidos, juntamente com os processos construtivos peculiares do período Colonial e do fim do Século XIX e princípios do XX. Segundo Nestor Goulart Reis Filho, “em cada época, a arquitetura é produzida e utilizada de um modo diverso, relacionando-se de uma forma característica com a estrutura urbana em que se instala” (FILHO, 2006. p.15).

1.1 A estética luso-brasileira

No período colonial, a arquitetura civil e residencial urbana brasileira tinha como base o tipo de lote com características bastante definidas. Aproveitava as antigas tradições urbanísticas de Portugal e, com isso, “vilas e cidades brasileiras apresentavam ruas de aspecto uniforme, com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas, com paredes laterais sobre os limites dos terrenos” (FILHO, 2006. p. 22). Não havia casas urbanas recuadas e com jardins. Segundo o autor:

eram desconhecidos os equipamentos de precisão da topografia e os traçados das ruas eram praticados por meio de cordas e estacas e não havia, portanto, possibilidade de serem mantidos por muito tempo, traçados rígidos, sem que fossem erigidos os edifícios correspondentes. A impressão de monotonia era acentuada pela ausência do verde. (FILHO, 2006. p. 24)

A influência e a postura arquitetônica do período colonial estavam baseadas em fundamentos e técnicas construtivas portuguesas, cujo aspecto formal garantia para as vilas brasileiras uma aparência das cidades da metrópole. O estilo português se manifestou na arquitetura civil do Brasil Colonial, revelando através das técnicas e dos materiais construtivos a tentativa de repetir os estilos da moda europeia (LEMOS, 1989).

Assim, foram construídas no Brasil casas com exterioridades lusitanas, verdadeiras réplicas das casas portuguesas, sobretudo nas cidades do norte do país ou em Minas Gerais. Nesta última região, em certos aspectos é verdadeiramente a arquitetura dos bairros antigos de Lisboa transladada para os trópicos. Desenvolvida no Brasil por construtores portugueses e brasileiros, a estética arquitetônica foi denominada como luso-brasileira.

Os tipos de habitação característicos do período colonial, tanto na zona rural como nas áreas urbanas, eram o sobrado e a casa térrea (FILHO, 2006) (Figura 1). Suas diferenças principais se davam no tipo de piso, que era assoalhado no sobrado e condizia com a riqueza do proprietário e, de chão batido na casa térrea, o que caracterizava a pobreza dos seus habitantes.

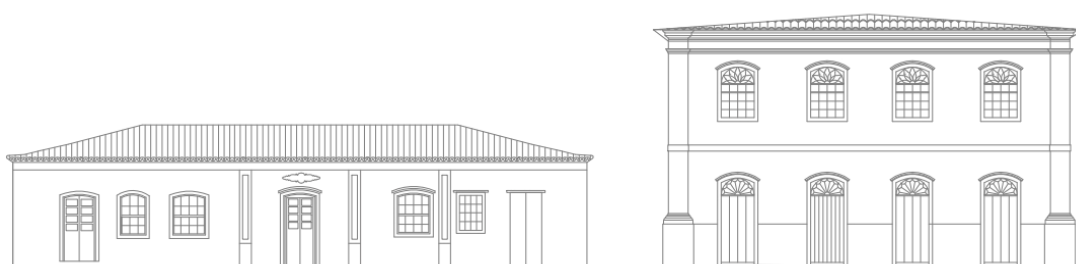


Figura 1: Na imagem à esquerda: Casa térrea da estética luso-brasileira. Na imagem à direita: Sobrado urbano luso-brasileiro. **Fonte:** Desenhos da autora.

No Rio de Janeiro, ainda no início do Século XIX, o sistema construtivo luso-brasileiro se mantinha sem nenhuma alteração, nas grandes ruas comerciais, nas praças públicas e nos arrabaldes. Nos bairros elegantes da cidade, os comerciantes instalavam seus espaçosos armazéns no pavimento térreo, e os andares superiores dos sobrados eram usados como habitação. Nas zonas periféricas ou rurais, o alto funcionário e o negociante

reservavam o andar térreo inteiro às cocheiras e às estrebarias, numa época em que os veículos eram conduzidos por tração animal.

A habitação urbana tradicional correspondeu a um tipo de arquitetura bastante padronizada, tanto nas suas plantas quanto nas suas técnicas construtivas e nos seus aspectos formais. Suas origens situam-se no urbanismo medieval-renascentista de Portugal. De acordo com Carlos Lemos,

os aglomerados urbanos portugueses iniciais eram constituídos de ranchos de palha, de palha dita aguariana, de sapé, de folhas de coqueiro amarradas com cipó em rudimentar estrutura de paus roliços trazidos do mato. Choças que logo os escravos africanos passaram a chamar de mocambos. Cidades de palha cujas casas procuravam atender os programas de necessidades europeus ou, melhor dizendo, programas cristãos, porque, ao contrário da oca promíscua, possuíam subdivisões separando atividades, de modo especial, isolando os dormitórios. (LEMOS, 1989. p. 18)

Neste contexto criava-se uma forma característica natural, na qual as moradias configuravam o momento com suas readaptações construtivas, utilizando materiais disponíveis que correspondiam ao nativismo primitivo, mas com novas conformações próprias do período e das diferentes localidades. Segundo Reis Filho (2006), as técnicas construtivas coloniais brasileiras eram decorrentes de uma mesma monotonia, no estilo português de construção. As plantas não se diferenciavam muito, atendendo às exigências funcionais da época.

Os modelos e as técnicas de construção eram bem primitivos, as paredes eram erguidas nas técnicas da taipa de pilão, do pau a pique e do adobe. Nas residências mais importantes empregava-se pedra e argamassa de barro, ou ainda pedra e argamassa de barro e cal. Mais raramente usavam tijolos. Nos centros urbanos, o sistema de cobertura com telhado de duas águas, lançava parte das águas das chuvas através dos beirais sobre as calçadas e, outra parte era despejada sobre o quintal, nos fundos. Evitava-se, desse modo, o emprego de calhas ou quaisquer sistemas de captação e condução das águas pluviais, os quais constituíam verdadeiras raridades (FILHO, 2006). Algumas edificações, sobretudo nas zonas rurais, tinham

telhados em duas, três ou quatro águas. Em todas as casas, os telhados eram cobertos com telhas de capa e canal.

De acordo com os materiais e técnicas empregados, os beirais dos telhados das moradas luso-brasileiras são denominados: com cachorro, com cornijas ou em beira sob beira (Figura 2). Os beirais com cachorros eram constituídos por peças de pedra ou madeira encravadas perpendicularmente nas paredes, que serviam como elementos de sustentação (Figura 2). As cornijas eram um conjunto de frisos salientes nas cimalhas das paredes, que serviam de arremate e sustentação dos beirais. Os de beira sob beira são os beirais formados de duas ou mais fiadas de telhas engastadas no alto das paredes (CORONA & LEMOS, 1972).



Figura 2: Na imagem à esquerda: Beirais do tipo beira sob beira e cimalha ornamentada com cornijas, Olinda/PE. **Fonte:** Foto da autora, 2009. Na imagem à direita: Beiral com cachorros de madeira, tanto na casa térrea como no sobrado da arquitetura de São João Del Rei/MG **Fonte:** ALVES, Leila. **São João del Rei.** Rio de Janeiro: SPALA, 1995. p. 44.

A técnica construtiva denominada taipa de pilão (Figura 3) consistia em um sistema em que as paredes são maciças, construídas apenas de barro socado, podendo incluir em sua espessura reforços longitudinais de madeira chamados esteios. Na sua confecção, ao barro bem amassado eram adicionadas palha, crina etc., para aumentar a resistência. O pau a pique (Figura 3) é um tipo de vedação em que as paredes possuem uma armação de varas ou paus verticais unidos entre si por pequenas varas equidistantes e

horizontais. Essas tramas eram revestidas com massa de barro, aplicada tanto na parte interna como externa da estrutura de madeira. Na técnica do adobe eram utilizados grandes tijolos secos ao sol (ÁVILA, 1980).



Figura 3: Na imagem à esquerda: Parede na técnica de pau a pique. Tiradentes/MG. **Fonte:** Foto cedida por Carlos Alberto Ávila Santos. Na imagem à direita: Parede na técnica pau a pique. **Fonte:** IPHAE, **Patrimônio Edificado, Orientações para sua preservação.** Porto Alegre: Corag, 2004. p. 45.

Reis Filho frisa o primitivismo construtivo colonial, onde a simplicidade das técnicas apontava claramente para o atraso da sociedade da época, que inviabilizava avanços nos métodos de construção das edificações (FILHO, 2006). No entanto, não faltava a mão de obra, pois existia o trabalho escravo de sobra. Nas áreas urbanas, as construções de esquina tinham a possibilidade de ter duas fachadas voltadas para a rua. Consequentemente, as plantas se modificavam e os ambientes interiores possuíam mais luz natural e aeração. Nestes casos, os telhados podiam apresentar de duas a três águas, mas as fachadas das casas mantinham as características tradicionais construtivas.

As fachadas dos casarões luso-brasileiros eram desprovidas de ornamentações, nas quais predominavam os cheios sobre os vazios. As paredes externas eram pintadas com tintas à base de cal, geralmente brancas. Os marcos e os fechamentos das aberturas eram de madeira e pintados com cores variadas. Nas construções mais ricas, os marcos dos vãos poderiam ser de pedra de cantaria ou de arremates de cantos (Figura 4). As aberturas –

portas e janelas – tinham vergas retas ou em arco abatido e, segundo os diferentes funcionamentos, eram denominadas de gelosia, de rótula ou de guilhotina.



Figura 4: Marco de esquadria em pedra de cantaria e escuro em duas folhas de madeira almofadadas, Olinda/PE. **Fonte:** Foto da autora, 2009.

No que se refere às janelas, define-se de funcionamento em gelosia àquelas cujas folhas se abrem para o exterior do edifício, apoiadas num eixo vertical preso às ombreiras. As janelas de guilhotina sobem ou descem sobre os vãos por meio de um trilho vertical inserido nas ombreiras. As janelas em rótula se abrem como as atuais basculantes, apoiadas em um eixo horizontal fixado sobre as vergas. Nos caixilhos das janelas destacavam-se os escuros ou postigos, que eram folhas duplas de madeira desprovidas de vidros (Figura 5), que escureciam totalmente os cômodos quando fechadas (CORONA & LEMOS, 1972).



Figura 5: Tipos de janela pelo funcionamento. **Fonte:** Desenhos da autora, 2012.

1.2 A estética eclética

Na Europa, durante o Século XIX se desenvolveram os estilos neoclássico, romântico e eclético (KOCH, 2004). Segundo Santos (2007), a arquitetura neoclássica recuperou o classicismo greco-romano, como as ordens arquitetônicas e os frontões triangulares manifestados no Panteão e na Igreja de Madeleine, em Paris (Figura 6). A arquitetura romântica se inspirou nas construções medievais, como a Ponte de Londres e o Parlamento inglês (Figura 6). O ecletismo empregou estilemas dos mais variados períodos da história da arquitetura e de culturas diferenciadas, como a Ópera *Charles Garnier* e o *Grand Palais*, na capital francesa (Figura 7). Na ópera destacam-se a cúpula de aço e as esculturas em ferro fundido. No grande palácio se sobressai a estrutura da cobertura em ferro e vidro, com fechamento em abóbada de berço e cúpula. Os elementos metálicos se originaram da Revolução Industrial.



Figura 6: Na imagem à esquerda: Igreja de Madeleine, Paris/França. **Fonte:** Disponível em: www.conexaoparis.com.br Acessado em: 14 ago. 2012, 14:25. Na imagem à direita: Parlamento Inglês. Londres/Inglaterra. **Fonte:** Disponível em: www.wikipedia.org **Acessado em:** 14 ago. 2012, 14:37.

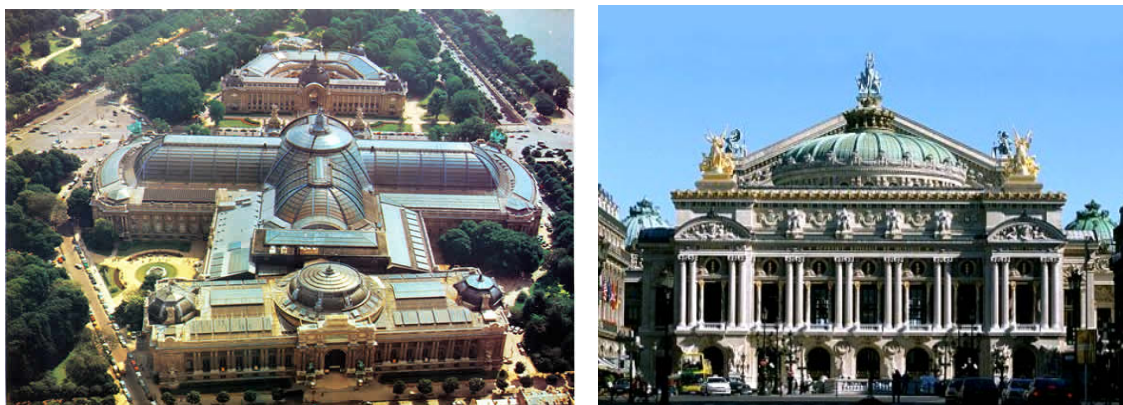


Figura 7: Na imagem à esquerda: Grand Palais, Paris/França. **Fonte:** Disponível em: www.survol-paris.com Acessado em: 09 ago.2012, 00:18. Na imagem à direita: Ópera Charles Garnier. Paris/França. **Fonte:** Disponível em: www.vivercidades.org.br Acessado em: 09 ago. 2012, 15:01.

Em 1808, com a fuga da Família Real para o Brasil, introduziram-se não só os “hábitos fidalgos” na capital, o Rio de Janeiro, mas também uma série de transformações urbanas, que se desdobraram na construção civil (LOPES, 1988). Com a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, foram importadas do Mundo Europeu as novidades decorrentes da Revolução Industrial, que, segundo Lemos, logo se manifestaram na arquitetura brasileira através de novas técnicas e de novos materiais de construção. Assim, registrou o autor:

o que poucos anos antes era caríssimo ou proibitivo, como o vidro plano transparente para as janelas, por exemplo, tornou-se vulgar. Anteriormente a essa popularização das vidraças, podemos dizer que vivíamos às escuras. As janelas residenciais eram providas somente de tábuas, os chamados *escuros*, que eram sistematicamente fechadas nas horas de chuva ou muito vento, a qualquer hora do dia. Os cômodos ficavam obscurecidos e as velas e candeeiros quase nada iluminavam. (LEMOS, 1989. p. 44)

Juntamente com a Família Real, chegou ao Rio de Janeiro uma comitiva de mais de 15.000 pessoas, composta por representantes da nobreza e do clero de Portugal, ministros, juízes e funcionários da corte, além dos pajens e da criadagem que davam suporte à vida cotidiana dos nobres que, com a invasão de Napoleão à Península Ibérica, fugiram para o Brasil trazendo os seus mais significativos pertences. O território brasileiro ascendeu à condição de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e, rapidamente, D.

João VI criou medidas para modernizar a capital e a sede da corte. Foi criado o Banco do Brasil. A imprensa se modernizou e ampliou, com as tipografias trazidas como lastro dos navios portugueses. Foi instalada e aberta ao público interessado a biblioteca composta por livros trazidos de Lisboa, e que, mais tarde, originou a Biblioteca Nacional (LOPES, 1988).

No campo da arquitetura e do urbanismo, D. João mandou aterrar os banhados e os terrenos alagadiços do centro urbano que contribuíam para o ar fétido e para com a insalubridade da cidade. As principais ruas foram pavimentadas com pedras, criaram-se os passeios públicos e as casas foram impedidas, por lei, de escoarem as águas das chuvas por meio dos beirais salientes dos telhados. Com isso, surgiram as platibandas nas fachadas das construções, pequenas muretas sobre as cimalhas das paredes, que escondiam as calhas de escoamento das águas pluviais, esgotadas às sarjetas por canos embutidos nos frontispícios das mesmas. Nas obras de arquitetura, os construtores que acompanharam a corte introduziram elementos característicos do classicismo da Antiguidade: arcos romanos e colunatas, frontões e capitéis gregos.

A implantação do neoclássico no Brasil foi estimulada pela Missão Artística Francesa, que, a convite de D. João VI chegou ao Rio de Janeiro em 1816, com o propósito de criar a Academia Imperial de Belas Artes (FABRIS, 1987). Com a Missão Artística Francesa, D. João objetivava qualificar a produção de arte no Brasil. Dentre os artistas e artífices que participaram deste empreendimento, destacou-se a figura do arquiteto Grandjean de Montigny, responsável pelos projetos neoclássicos da Academia Imperial de Belas Artes (Figura 8) e da Alfândega (Figura 9) do Rio de Janeiro (ABREU, 2007). Hoje, do primeiro prédio só resta o pórtico, instalado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o edifício da Alfândega que é ocupado pela atual Casa França-Brasil.



Figura 8: Na imagem à esquerda: Academia Imperial de Belas Artes, Rio de Janeiro/RJ. **Fonte:** Disponível em: www.wikipedia.org Acessado em: 09 ago.2012, 20:51. Na imagem à direita: Pórtico da Academia Imperial de Belas Artes, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro/RJ. **Fonte:** Disponível em: www.fotolog.terra.com.br Acessado em: 09 ago. 2012, 20:49.

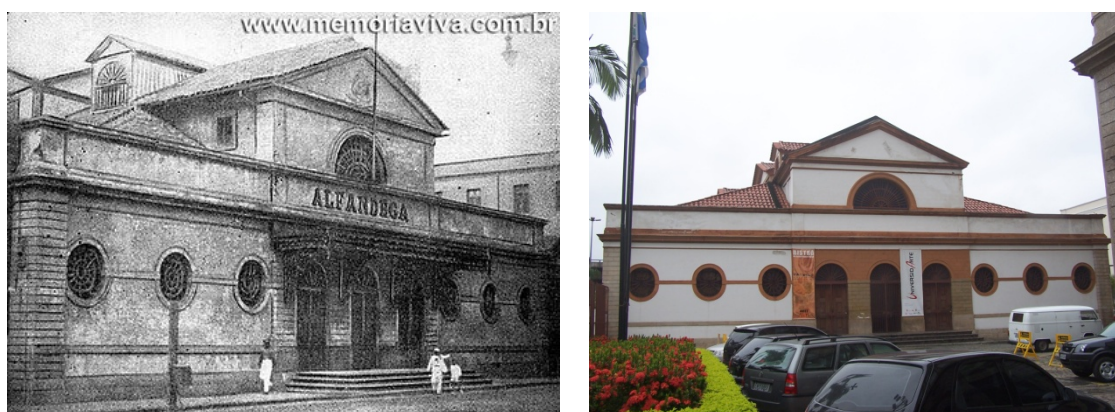


Figura 9: Na imagem à esquerda: Prédio da antiga Alfândega, Rio de Janeiro/RJ. **Fonte:** Disponível em: www.rioqueeuamo.blogspot.com.br Acessado em: 15 ago. 2012, 18:58. Na imagem à direita: Prédio da atual Casa Brasil, Rio de Janeiro/RJ. **Fonte:** Disponível em: www.wikipedia.org Acessado em: 09 ago. 2012, 20:42.

Foi com a atuação dos artistas europeus que a arquitetura civil luso-brasileira, até então em evidência, deu espaço ao neoclassicismo arquitetônico, que se firmou como estilo oficial do Império a partir da Independência, em 1822. Porém, de acordo com SANTOS (2007), é reconhecido por vários teóricos da arquitetura brasileira que o estilo neoclássico no Brasil foi impregnado de estilemas característicos de estéticas de períodos diferenciados da história da arquitetura, originando o ecletismo no Brasil. Entre estes autores, Santos ressaltou Giovanna Del Brena, Yves Bruand e Günter Weimer.

O Século XIX foi caracterizado como um período de irradiação da cultura eclética para as principais cidades e capitais brasileiras. Os artistas e arquitetos vinculados ao neoclassicismo ou ao ecletismo contribuíram para a disseminação da nova estética em moda na Europa. Os arquitetos ecléticos utilizaram novos materiais arquitetônicos e modernas técnicas construtivas, dando maior atenção à caixa mural dos prédios projetados através das decorações exteriores e interiores, nas quais utilizaram estilemas historicistas (FABRIS,1987). De acordo com SANTOS (2007):

tanto nas metrópoles europeias, como nas cidades brasileiras, verifica-se que as reformas urbanas foram contemporâneas do ecletismo arquitetônico que explorou nos programas de composição das fachadas estilemas historicistas, o que assemelhou a aparência de diferentes espaços públicos. As reformas urbanas responderam às necessidades de ampliação das áreas das cidades com o aumento das populações, a comunicação entre os novos bairros que se criaram, o saneamento e embelezamento das urbes. O ecletismo arquitetônico decorreu das aspirações das classes dominantes em exteriorizar sua riqueza e cultura, decorrentes da ideologia moderna burguesa resultante da industrialização dos países.

O ecletismo foi também o símbolo e a representação arquitetônica das mudanças trazidas pela riqueza do ciclo econômico da borracha, nos estados do norte do Brasil, do café, em São Paulo e no Rio de Janeiro, do charque, no Rio Grande do Sul (SANTOS, 2007). As cidades se modificaram por meio de um sistema de adição poliestilística, que fazia coexistir no mesmo tecido urbano protótipos normandos, ingleses, suíços, espanhóis, italianos, franceses, conhecidos pelos barões da borracha, do café e da carne seca nas viagens que estes empreendiam ao Velho Mundo. Surgiram as construções de meio de terreno, com jardins no seu entorno, denominadas como vilas. Para os pensadores ecléticos como Hegel (apud Wilfried, 1996), a história da arte apresenta-se como uma sucessão de estilos igualmente válidos.

Exemplo do ecletismo no Rio de Janeiro é o Teatro Municipal. O edifício foi erguido segundo os projetos de Francisco Pereira Passos e do francês Albert Guilbert, vencedores do concurso público efetuado na época. Inaugurado em 1909, a caixa mural do edifício foi inspirada na Ópera Charles Garnier de Paris, é ricamente ornamentada com esculturas clássicas das

divindades protetoras das artes. Os torreões apresentam cúpulas metálicas importadas e a grande cúpula em forma de uma coroa que abriga, no interior, a sala de espetáculos. Os pórticos de entrada são em arcos romanos (Figura 10), as colunas apresentam capitéis das ordens clássicas greco-romanas, relevos ornamentais de estuque se desenvolvem sobre as fachadas e se desdobram nos tetos dos terraços laterais (ERMAKOFF, 2010).

O Museu de Belas Artes também marcou o estilo no Rio de Janeiro. Inaugurado em 1938, sua história é bem mais antiga, e remonta à chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808. O autor do projeto foi o arquiteto espanhol Adolfo Morales de los Rios, que tomou como modelo o Museu do Louvre, em Paris. O resultado é uma construção com fachadas em diferentes estilos. A fachada principal, inspirada na renascença francesa, com frontões, colunatas e relevos em terracota representando as grandes civilizações da antiguidade, além de medalhões pintados, retratando os integrantes da Missão Francesa e outros artistas brasileiros. As laterais são mais simples, foram inspiradas na renascença italiana, possuem mosaicos parisienses com figuras de arquitetos, pintores e teóricos da arte, como Vitruvius e Da Vinci. A fachada posterior é mais pura e austera, representando o Neoclassicismo, com relevos ornamentais de Edward Cadwell Spruce. Na decoração interna (Figura 10) foram usados materiais nobres como mármore e mosaicos, estuques, cristais, cerâmicas francesas e estatuária.



Figura 10: Na imagem à esquerda: O Teatro Municipal, Rio de Janeiro/RJ. **Fonte:** Disponível em: www.wikipedia.org Acessado em: 09 ago.2012, 21:16. Na imagem à direita: Museu de Belas Artes, Rio de Janeiro/RJ. **Fonte:** Disponível em: www.wikipedia.org Acessado em: 09 ago. 2012, 21:19.

1.3 O luso-brasileiro no Rio Grande do Sul

No território gaúcho do Século XIX, os traçados urbanos das primeiras vilas como Rio Pardo, Porto Alegre, Jaguarão e Pelotas constituíram-se de um plano em xadrez, que era formado por ruas paralelas cortadas por perpendiculares. No centro da planta urbana quadriculada, um quarteirão não edificado deu origem às praças centrais das cidades, onde era erguida a igreja matriz, que atendia ao serviço de registro de nascimentos, casamentos e óbitos. Normalmente, a rua principal constituía-se num divisor de águas, e dava acesso direto ao porto, local de extrema importância numa época em que as comunicações e trocas de mercadorias eram feitas através da navegação fluvial e lacustre.

As construções civis destas cidades coincidiam com os propósitos construtivos do período colonial, onde a funcionalidade respondia às necessidades da sociedade da época. Em Rio Pardo, temos como exemplo a casa residencial de Alexandrino de Alencar, erguida no ano de 1790. Hoje, o edifício é denominado como “o Solar do Almirante” (Figura 11) e foi transformado em museu. Como detalha Santos (1992), a casa de esquina de quarteirão tem cobertura abaulada em quatro águas e telhas de capa e canal. A fachada dispõe dos mesmos traços da arquitetura luso-brasileira que se desenvolveu no restante do país: a predominância dos cheios sobre os vazados, as janelas de guilhotina com escuros de madeira, as técnicas construtivas em alvenaria de pedras irregulares e paredes internas em pau a pique. Interessante destacar no interior do edifício o chão assoalhado e o teto em gamela da sala principal.



Figura 11: Na imagem à esquerda: Solar do Almirante, Rio Pardo/RS. Na imagem à direita: Detalhe do teto em gamela, apoiado sobre os frechais das paredes. **Fonte:** SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **A arquitetura residencial e urbana no Rio Grande do Sul.** Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) Universidade Federal de Ouro Preto, 1992, pp. s/n.

Em Pelotas, a sede da charqueada São João que era uma das maiores do Rio Grande do Sul, erguida entre 1807 e 1810, sendo o prédio destinado à residência de Antônio Gonçalves Chaves, configura um grande retângulo. Inicialmente, foi construída uma primeira casa com cozinha em anexo. Em uma segunda etapa, foram elevadas as alas leste e sul, formando a planta de um “C”, com pátio de serviço no interior. Por último, uma nova ampliação fechou o pátio central, com a construção de um depósito. As fachadas apresentam cunhais, soco, beiral com cimalha e pequena calçada no perímetro do prédio (Figura 12). Essas características são semelhantes ao Solar do Almirante, anteriormente citado.



Figura 12: Na imagem à esquerda: Charqueada São João, Pelotas/RS. **Fonte:** Disponível em: www.charqueadasaojoao.com.br Acessado em: 14 ago. 2012, 17:39. Na imagem à direita: Pátio interno. **Fonte:** Gutierrez, Ester Judite B. **Sítio Charqueador Pelotense.** Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2010. p. 68.

Em Rio Grande, o sobrado dos azulejos é uma construção de esquina que data de 1862, erguida por Antônio Benone Martins Viana. Possui janelas e portas com vergas em arcos abatidos e toda a fachada é revestida de azulejos portugueses, exemplar único na região sul do país (Figura 13). O uso de azulejos foi um modismo da época, muito apreciado na região norte e no litoral do nordeste brasileiro, revestimento que protegia de maneira eficaz contra as intempéries, como no Convento de São Francisco em Salvador (Figura 14). Sua decoração mostra ricos painéis de azulejaria que apresentam cenas e inscrições diversas.



Figura 13: Na imagem à esquerda: Sobrado dos Azulejos, Rio Grande/RS. **Fonte:** Disponível em: www.turismo.rs.gov.br Acessado em: 10 ago. 2012, 22:53. Na imagem à direita: O sobrado após a restauração. **Fonte:** IPHAE, **Patrimônio Edificado, Orientações para sua preservação**. Porto Alegre: Corag, 2004. p. 4.



Figura 14: Convento de São Francisco, Salvador/BA. Detalhe do claustro conventual com seus painéis de azulejos. **Fonte:** Disponível em: www.wikipedia.org Acessado em: 10 ago.2012, 22:14.

1.4 O ecletismo no Rio Grande do Sul

No interior do Estado, cidades como Pelotas, Rio Grande, Bagé, Jaguarão, Livramento e Santa Vitória cresceram em consequência da pecuária e da agricultura e, sobretudo, da produção e exportação do charque. Os meios de transporte utilizados na exportação da carne salgada, dos couros e dos produtos agrícolas contribuíram também para a importação dos mais diversos materiais e artigos da industrialização, que foram empregados nos melhoramentos urbanos, nas construções de engenharia e arquitetura (SANTOS, 2007). O desejo de modernidade se estendeu às transformações das cidades da fronteira meridional, às modificações dos costumes e da moda, ocasionando a introdução da nova linguagem arquitetônica – o ecletismo – que, entre 1870 e 1931, se consolidou.

Segundo Santos (2007), os prédios residenciais erguidos durante o período em que predominou o ecletismo apresentavam volumetria retangular ou quadrangular, com tendência à horizontalidade e à simetria das composições das fachadas, utilizavam elementos ornamentais peculiares aos estilos italianos – o renascimento, o neoclássico, o maneirismo e o barroco. As caixas murais eram compostas pelo porão alto, corpo e coroamento. As fachadas tripartidas eram ritmadas por colunas ou pilastras com capitéis clássicos. Na maioria das vezes, o módulo central era coroado por um frontão sobre a platibanda (Figura 15). Com a abolição do trabalho escravo no ano de 1888, nas construções ecléticas foi utilizada a mão de obra remunerada e especializada.

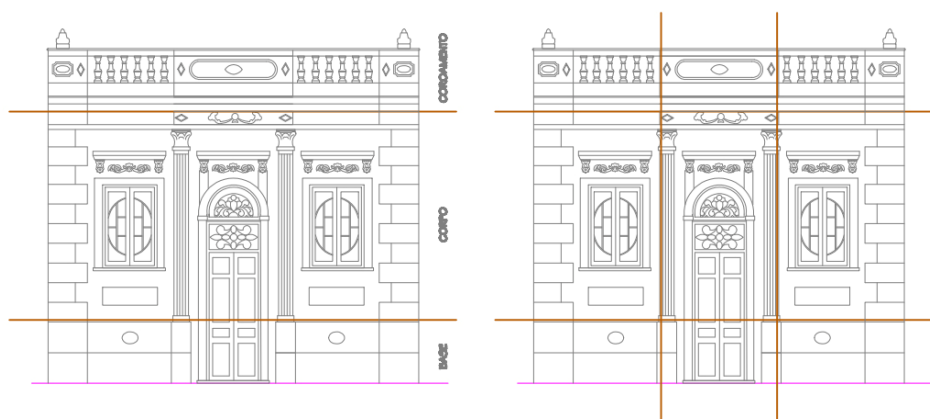


Figura 15: Nas duas imagens: Esquema compositivo tripartido com marcações horizontais e verticais. **Fonte:** Desenhos da autora.

De acordo com Santos (2007), no início do Século XX várias obras foram realizadas na zona urbana de Porto Alegre, reservadas ao centro e aos bairros das classes dominantes. Na arquitetura, destacamos o Palácio Piratini, os prédios dos Correios e Telégrafos e da Alfândega, erguidos no entorno da praça central, na parte alta da cidade. O Palácio Piratini (Figura 16) substituiu o antigo palácio que havia no mesmo local e que já não atendia às necessidades da época. O projeto foi escolhido através de um concurso internacional do qual foi vencedor o arquiteto francês Maurice Gräs. Na construção eclética é marcante a influência clássica, inspirada no Petit Trianon de Versalhes.



Figura 16: Na imagem à esquerda: Palácio Piratini, Porto Alegre/RS. **Fonte:** Disponível em: www.webmed.portoalegre.rs.gov.br Acessado em: 09 ago.2012, 21:56. Na imagem à direita: Prédio da antiga Agência de Correios e Telégrafos, Porto Alegre/RS. **Fonte:** Disponível em: www.wikipedia.org Acessado em: 09 ago. 2012, 21:36.

O antigo prédio dos Correios e Telégrafos foi construído para ser a sede da Delegacia Fiscal da Fazenda. O historiador Günter Weimer afirma que o projeto foi do arquiteto alemão Theo Wiedersphan e mescla elementos neoclássicos e outros barrocos, com vários detalhes fantasiosos. Na fachada destacam-se as figuras mitológicas de Ceres (deusa da agricultura) e de Hermes (deus do comércio), sob um grande brasão da República. Nos torreões existem estátuas alegóricas da indústria, da pecuária, da navegação e da arquitetura (Figuras 16 e 17).

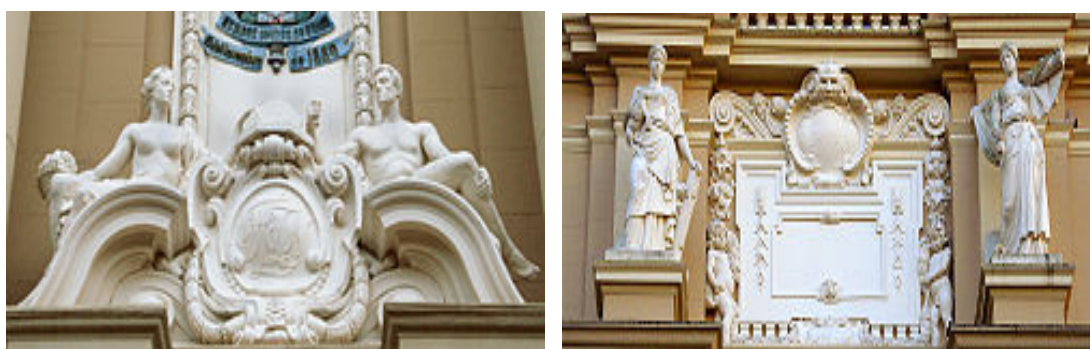


Figura 17: Na imagem à esquerda: Detalhe do frontispício da antiga Agência de Correios e Telégrafos, Porto Alegre/RS. Na imagem à direita: Detalhe da fachada. **Fonte:** Disponível em: www.wikipedia.org Acessado em: 09 ago. 2012, 21:47.

O edifício da Alfândega foi projetado pelo arquiteto Hermann Otto Menchen, a construção teve seu início em 1911 e sua conclusão em 1933. A fachada principal possui volumetria simétrica e tripartida e é caracterizada por uma série de aberturas com formas variadas. No frontispício com sacada e um frontão neobarroco está instalado um baixo-relevo do brasão da República. As fachadas laterais têm volumetria diferenciada, com dois pisos apenas nas esquinas e grandes estátuas decorativas. Destaca-se, na fachada sul, um Atlas carregando o globo (Figuras 18 e 19).



Figura 18: Na imagem à esquerda: Prédio da antiga Alfândega, Porto Alegre/RS. **Fonte:** Disponível em: www.tetraktys.multiply.com Acessado em: 15 ago.2012, 22:34. Na imagem à direita: Detalhe do frontispício. **Fonte:** Disponível em: www.tetraktys.multiply.com Acessado em: 15 ago. 2012, 22:49.

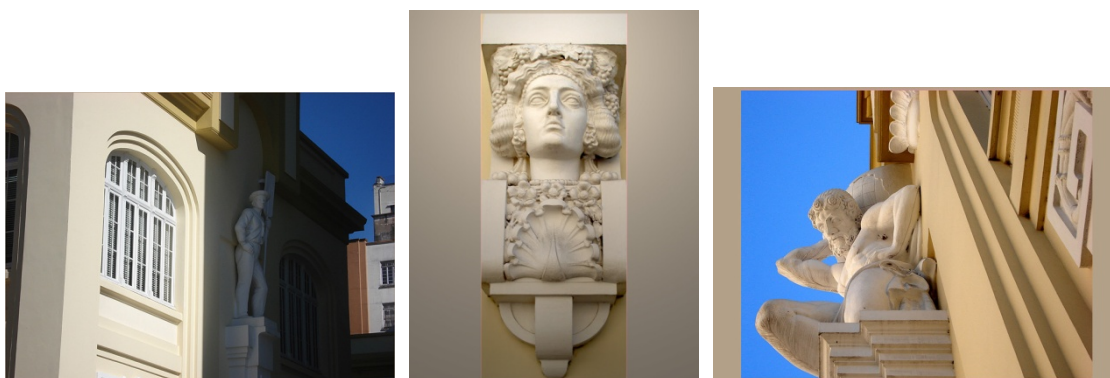


Figura 19: Na imagem à esquerda: Detalhe das estátuas na fachada. **Fonte:** Disponível em: www.tetraktys.multiply.com Acessado em: 15 ago.2012, 22:51. Na imagem central: Detalhe de uma cabeça feminina. **Fonte:** Disponível em: www.tetraktys.multiply.com Acessado em: 15 ago. 2012, 22:50. Na imagem à direita: Detalhe da estátua de Atlas. **Fonte:** Disponível em: www.tetraktys.multiply.com Acessado em: 15 ago. 2012, 22:40.

Na cidade de Pelotas, o ecletismo foi introduzido através de construtores imigrantes italianos, que seguiram o estilo de origem europeia. A Biblioteca Pública (Figura 20) foi erguida entre os anos de 1878 e 1888, com projeto do construtor italiano José Isella (SANTOS, 2003). Caetano Casaretto, de origem italiana, mas nascido em Pelotas e discípulo de Isella, reformou o edifício entre as datas de 1911 e 1913, quando o prédio ganhou o segundo pavimento. Casaretto também construiu a sede do Clube Caixeiral (Figura 21), construído em 1879 e inaugurado em 1905. Nas duas construções destacam-se esculturas e ornamentos moldados em massa de cimento: divindades greco-romanas, cariátides, globos e símbolos do positivismo que fundamentou a República Velha do Brasil.



Figura 20: Na imagem à esquerda: Biblioteca Pública, Pelotas/RS. Na imagem à direita: Detalhe de estátua na fachada. **Fonte:** CUSTÓDIO, Luiz Antônio (Org.). **Roteiros de Arquitetura da Costa Doce.** Porto Alegre: Sebrae, 2009, p.109.

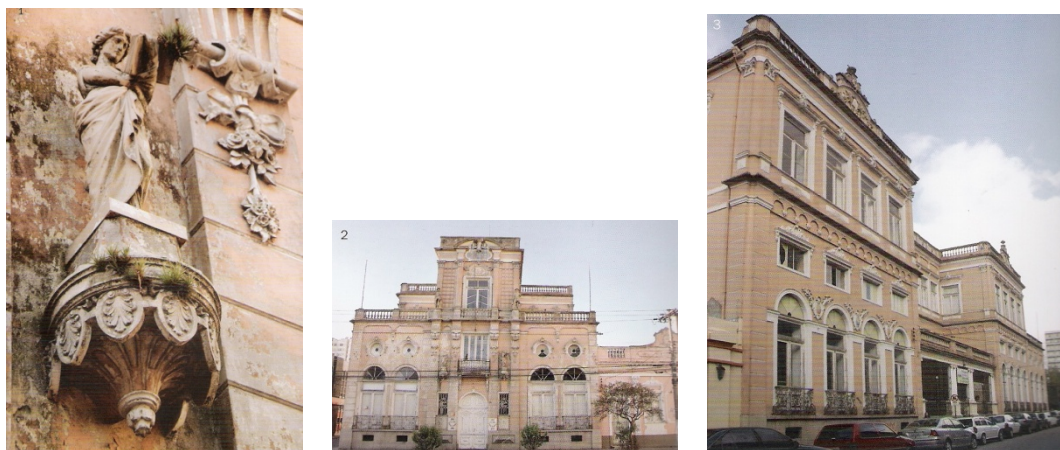


Figura 21: Na imagem à esquerda: Clube Caixeiral, Pelotas/RS. Detalhe de estátua na fachada. Na imagem ao centro: Clube Caixeiral, Pelotas/RS. Na imagem à direita: Clube Caixeiral, Pelotas/RS. **Fonte:** CUSTÓDIO, Luiz Antônio. **Roteiros de Arquitetura da Costa Doce.** Porto Alegre: Sebrae, 2009. p. 104.

Na Praça Coronel Pedro Osório destacam-se também as casas assobradadas do Barão de Cacequi (1878) do Barão de São Luis (1879) e o sobrado do Barão de Butuí (1880). De acordo com SANTOS (2007), o último prédio foi construído na década de 1830 em estilo luso-brasileiro e pertenceu ao charqueador Vianna. Na década de 1870, adquirido por José Antônio Moreira, o Barão do Butuí, foi reformado e ganhou elementos ecléticos, obedecendo ao projeto do construtor italiano José Isella: a platibanda vazada com colunelos, os frontões e as pilastras sobre as paredes com capitéis das ordens gregas, o mirante ou camarinha, de onde o proprietário observava o movimento no Canal São Gonçalo (Figura 22). Hoje o prédio foi restaurado e abriga a Secretaria de Cultura do município (SECULT).



Figura 22: Na imagem à esquerda: O sobrado do Barão de Butuí, Pelotas/RS. Na imagem ao centro: Casarão do Barão de São Luis, Pelotas/RS. Na imagem à direita: O casarão do Barão de Cacequi, Pelotas/RS. **Fonte:** Disponível em: www.guiaturisticadepelotas.com Acessado em: 16 ago. 2012, 12:01.

A casa central do conjunto pertenceu ao Barão de São Luís, Leopoldo Antunes Maciel. A construção de meio de quadra apresenta fachada simétrica, com recuo ajardinado na parte central. O acesso ao interior da residência de porão alto é feito por escadaria dupla e o coroamento deste módulo apresenta frontão triangular. No alto do frontão e das platibandas estão dispostas belas estátuas de faiança importadas. Importados também foram os elementos de ferro fundido do corrimão da escadaria e dos guarda-corpos das sacadas das portas-janelas. Atualmente, o edifício foi restaurado e deve abrigar o Museu do Charque (Figura 22).

A casa assobradada que serviu de residência ao Conselheiro Francisco Antunes Maciel (segundo Barão de Cacequi) é uma construção de esquina cujas fachadas apresentam recuos: lateral na fachada principal voltada para a praça e central na fachada secundária voltada para a Rua Barão de Butuí. Esses recuos foram arranjados em jardins. Sobre as platibandas e frontões destacam-se estátuas de cerâmica alouçada e vasos. As varandas são decoradas e protegidas por lambrequins confeccionados em madeira. Hoje, a construção pertence à UFPel e encontra-se em estado avançado de restauração (Figura 22).

CAPÍTULO 2

Evolução da arquitetura civil em Piratini

2.1 Contexto histórico de Piratini

Em 1789, por ordem da rainha Dona Maria I, o governo permutou por concessão régia com José Antônio Alves, três léguas de campo que este possuía nas pontas do rio Piratinim, dividindo essa área em 48 “datas” de igual tamanho, concedendo-as por carta de 6 de julho do mesmo ano, a 48 casais vindos das Ilhas dos Açores, com a condição de ali residirem e trabalharem.

O crescimento da povoação, em virtude da excelência das terras para a criação de gado e para o cultivo de cereais e algodão, chamou a atenção do governo que, por alvará do Príncipe Regente D. João VI, em 1810 elevou a localidade à categoria de Freguesia, com a denominação de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Piratinim.

A 7 de junho de 1832 foi instalada a Vila, que era um aglomerado urbano com nobres solares e até sobrados, edificadas entre as datas de 1819 e 1824. Dentre estes, o Teatro 7 de Abril comprova o adiantado grau de cultura da sociedade do lugar. Duas fontes públicas abasteciam a população: a Fonte dos Pinheiros e a Fonte da Terra. Havia dois estabelecimentos industriais: a Fábrica de Cerveja e a Fábrica de Pólvora e Foguetes. A Vila recebeu o título de Cidade de Piratini no ano de 1837.

Em 1835, teve início a Revolução Farroupilha, que chamou às lides bélicas os habitantes de Piratini. Dada a sua posição estratégica, a cidade foi escolhida para centro das operações, verdadeiro abrigo da Revolução que se estenderia por dez anos.

O valioso conjunto edificado reunido no centro histórico de Piratini é um testemunho da Revolução Farroupilha, marco na História do Rio Grande do Sul e de significativa importância na História do Brasil, durante o período das

regências. Muitos prédios foram utilizados como moradia pelos líderes da Revolução, ou abrigaram diversos órgãos do governo revolucionário. Esse conjunto arquitetônico, por suas características estéticas e pelo seu valor histórico, é hoje parte do Patrimônio Cultural da cidade (Figura 23).

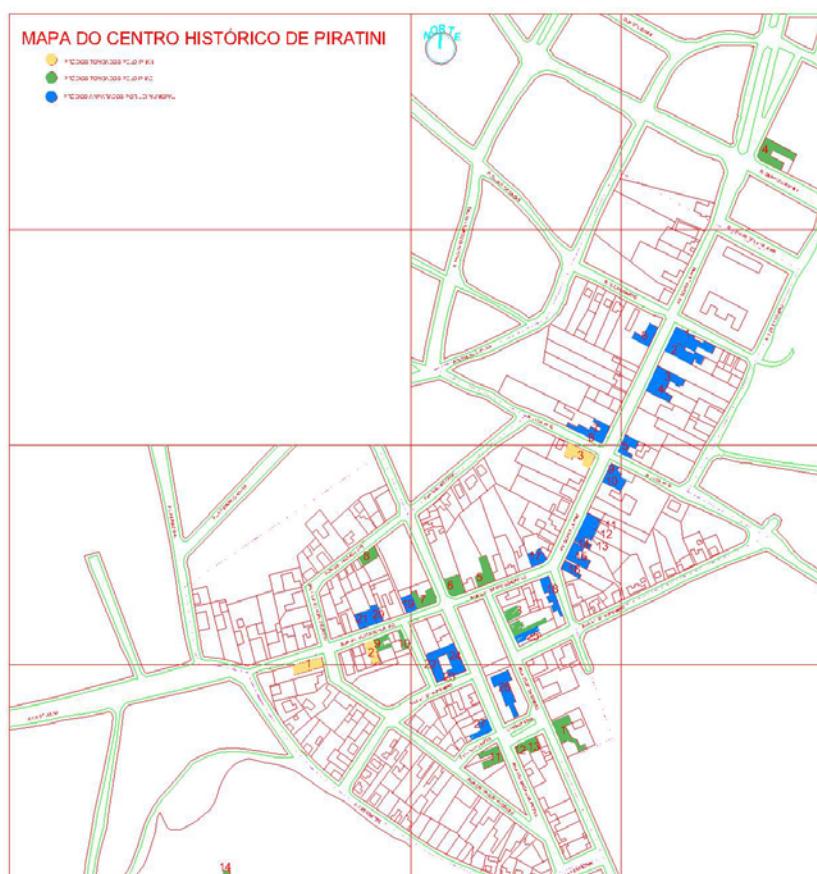


Figura 23: Mapa Centro Histórico de Piratini/RS. **Fonte:** IPHAN/IPHAE, Prefeitura de Piratini.

Dissertando sobre a cidade e sua arquitetura, Miguel Vergara ressaltou: “ela apresenta um ambiente arquitetônico que enriquece com seus detalhes, com as diversas janelas e portas, com destaques de vitrais junto a seus tamanhos e distribuições físicas que se conservam do Brasil-Colonial, isto é, as casas grandes e sobrados” (VERGARA, 1997. p. 81). É possível identificar diferentes edificações com características diversas, como a arquitetura tradicional luso-brasileira e a do ecletismo, analisando sua evolução, desde o início do Século XIX aos meados do XX. Hoje, as marcas desse passado podem ser vistas nos prédios centenários do centro da cidade,

que conservam vivas a memória local e a cultura dos povos dos Açores e de outros imigrantes que colonizaram a região (Figura 24 e 25).

A cidade de Piratini é considerada como uma cidade histórica, embora tenha grandes problemas quanto à preservação do seu patrimônio arquitetônico. Algumas construções preservam sua morfologia original, outras apresentam modificações ou reformas parciais, muitas vezes executadas para atualizar a edificação ao gosto do momento ou às necessidades das funções atuais dos prédios. A população apresenta interesse em conservar a memória do lugar através da manutenção destes edifícios resultantes das contribuições deixadas pelas antigas gerações. É neste contexto que se insere a importância de se valorizar um bem edificado, em virtude de ser uma forma de se preservar a memória dos antepassados, pois a cultura de um povo está diretamente ligada a sua história.



Figura 24: Na imagem à esquerda: Vista da Avenida Gomes Jardim na década de 50. **Fonte:** Acervo da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo de Piratini. Na imagem à direita: Vista da Avenida Gomes Jardim nos dias de hoje. **Fonte:** Foto da autora, 2012.



Figura 25: Na imagem à esquerda: Praça da República Rio-Grandense (em frente à Prefeitura). **Fonte:** Acervo da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo de Piratini. Na imagem à direita: Praça da República Rio-Grandense, após remodelação sofrida na década de 70. **Fonte:** Foto da autora, 2012.

No Centro Histórico encontram-se importantes prédios do início da colonização, como a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, templo que foi erguido no lugar em que foi oficiado o “Te Deum” em Ação de Graças à criação da República Rio-Grandense e que foi demolido em 1852 (Figura 26), o Palácio do Governo (Palácio da República Rio-Grandense), erguido em 1826, a Casa Garibaldi, que remonta às primeiras décadas de 1800, e foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além do Museu Histórico Farroupilha.



Figura 26: Na imagem à esquerda: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. **Fonte:** Acervo da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo de Piratini. Na imagem à direita: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição nos dias atuais. **Fonte:** Foto de Ricardo Luiz Villas Boas, 2008.

2.2 O luso-brasileiro nas edificações de Piratini

Como já foi abordado, a estética luso-brasileira se incorporou ao estilo arquitetônico do período colonial, influenciada pelo barroco português trazido pelos colonizadores, sendo disseminada pelas principais cidades brasileiras. Dessa forma, a cidade de Piratini não se diferencia das demais colonizadas por açorianos, nas características lusitanas da colonização e da arquitetura. Assim, notam-se essas influências nas análises da arquitetura do Século XIX, as casas térreas ou os sobrados de alvenaria de tijolos, em cujas fachadas predominam os cheios sobre os vãos. As coberturas com uma, duas, três ou quatro águas, com telhas de capa e canal e com beirais salientes às paredes. Esquadrias alinhadas pelas vergas retas ou em arco abatido, com janelas de guilhotina e postigos de madeira.

O estilo, segundo José Wasth Rodrigues (In: VERGARA: 1997. p.30), “trouxe junto com suas marcantes formas a simplicidade das construções e a funcionalidade para a época”. As edificações piratinienses se destacam por atender às diferentes necessidades de seus moradores. Durante esse período inicial, os mais endinheirados edificaram casas ao redor da capela, na praça central da cidade. No início do Século XIX, Piratini era pouco mais que um correr de casas modestas em volta da pracinha e da capela, muito branca, recordando as capelinhas dos povoados das Ilhas dos Açores.

Estas moradias, segundo Paulo Iroquez Bertussi (1983), se desenvolviam da frente para os fundos, com uma organização espacial na qual a cozinha ficava na parte traseira da casa, com acesso independente feito através de um corredor central. Depois, as construções foram ampliadas, chegando a ocupar toda a largura dos lotes de terreno. Na frente ficava a sala de visitas, no centro os quartos de dormir, nos fundos a sala de viver.

Entre as edificações do centro histórico podemos destacar algumas casas térreas de grande importância. A primeira delas é a antiga Casa de Garibaldi, construída entre os anos de 1830 e 1832. Neste prédio o mercenário

italiano José Garibaldi e Luiz Rossetti residiram e instalaram as oficinas do jornal “O Povo”, partidário dos revolucionários durante o período farroupilha. A casa possui características da estética luso-brasileira, definidas pelas esquadrias alinhadas pelas vergas das aberturas, telhado em quatro águas com telhas capa e canal, e alvenaria de tijolos nas paredes. Atualmente o prédio aguarda restauro (Figura 27).

O prédio da antiga Farmácia Caridade foi construído por volta de 1821, para ser depósito da firma *Fabião e Irmãos*. Durante o Século XIX e início do Século XX foi frequentemente utilizado para apresentações musicais ou teatrais realizadas por companhias itinerantes. Em 1903, passou a funcionar no prédio a Farmácia Caridade, como hoje é conhecido o edifício. A construção de alvenaria de tijolos possui telhado de quatro águas com cobertura de telhas de capa e canal e beiral saliente. As janelas são envidraçadas com folhas de segurança e portas de madeira e vidro. Atualmente funciona no local a Biblioteca Pública Municipal (Figura 27).



Figura 27: Na imagem à esquerda: Casa de Garibaldi. **Fonte:** Foto de Otávio Alves, 2008. Na imagem à direita: Antiga Farmácia Caridade. **Fonte:** Foto da autora, 2012.

A antiga Casa de Fazenda serviu como residência do Brigadeiro Manoel Lucas de Lima e foi construída em 1821. Esta casa, segundo o Livro Tombo, possui paredes estruturais de alvenaria, fachada lisa terminando em cimalha e cunhal liso, engrossado na parte inferior. Há cobertura com telhas de barro do tipo capa e canal, terminando em beiral. A fachada apresenta portas de madeira e janelas de guilhotina com vergas em arco pleno e escuros de

madeira. Atualmente está desocupada, porém é de propriedade particular com fim residencial (Figura 28).

A Casa da família Costa foi construída por volta de 1821. Constatam-se as seguintes características luso-brasileiras no prédio: paredes de alvenaria e cobertura com telhas de capa e canal com beiral. O prédio é de uso residencial (Figura 28).



Figura 28: Na imagem à esquerda: Antiga Casa de Fazenda. **Fonte:** Foto Otávio Alves, 2008. Na imagem à direita: Casa da Família Costa. **Fonte:** Foto Otávio Alves, 2008.

A Casa Comercial dos Fabião foi construída entre o final do Século XVIII e os primórdios do XIX. Apresenta características do luso-brasileiro: a cobertura do telhado com telhas capa e canal e beiral em beira sob beira, os vãos com vergas em massa, arco abatido, esquadrias de madeira com almofadas na parte inferior, bandeira fixa, postigo e caixilhos envidraçados. O prédio é de uso residencial (Figura 29).

A Casa de Gomes de Freitas foi construída em 1836. Apresenta características do luso-brasileiro: o telhado de quatro águas com cobertura com telhas de capa e canal com beiral, porta de madeira de duas folhas com bandeira fixa envidraçada, janelas de guilhotina com verga reta. Parte do prédio tem uso residencial e parte comercial (Figura 29).



Figura 29: Na imagem à esquerda: Casa Comercial dos Fabião. **Fonte:** Foto de Otávio Alves, 2008. Na imagem à direita: Residência de Gomes de Freitas. **Fonte:** Foto de Virginia Dutra, 2010.

A Casa da Camarinha foi construída entre 1789 e 1795. Foi o primeiro prédio erguido no atual núcleo urbano. Foi sede da fazenda de Antônio José Vieira Guimarães, que doou a área para a construção de uma Capela em honra a Nossa Senhora da Conceição, no entorno da qual se desenvolveu o Povoado. A camarinha, pequeno torreão engastado na cobertura, foi construída posteriormente, na primeira década do Século XX. A edificação de alvenaria possui dois pavimentos, cobertura de telhas de capa e canal com beiral, janelas de madeira com funcionamento tipo guilhotina e escuros. As vergas das aberturas são em arco abatido, com exceção de uma janela e das portas, que possuem vergas retas. É considerada um dos exemplares arquitetônicos de maior expressão do centro histórico da cidade de Piratini. Em parte do prédio, a qual pertence ao município, funciona o CAPS Farroupilha, e a outra, que é de propriedade particular, está desocupada (Figura 30).

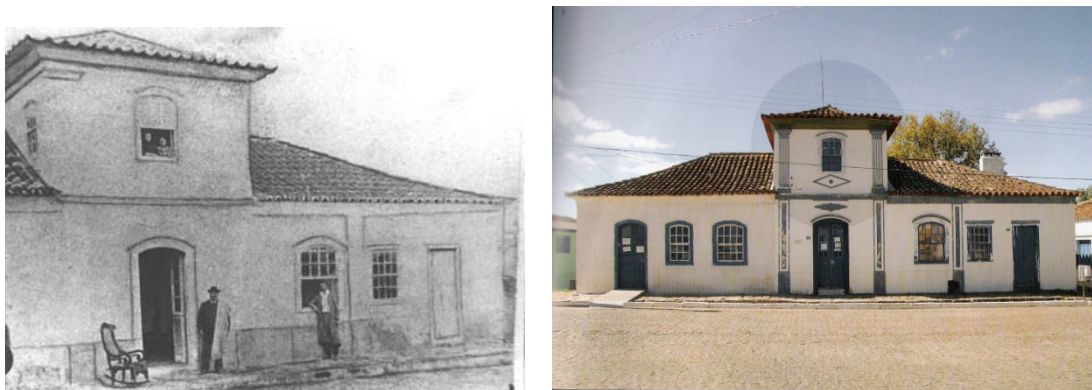


Figura 30: Na imagem à esquerda: Casa de Camarinha. **Fonte:** Acervo da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo de Piratini. Na imagem à direita: Casa de Camarinha. **Fonte:** Custódio, Luiz Antônio, **Roteiros de Arquitetura da Costa Doce**. Porto Alegre: Sebrae, 2009, p.59.

A Antiga Cadeia começou a ser erguida no final do ano de 1855, e foi posteriormente condenada pela Presidência da Província, pela proximidade do prédio com a Igreja Matriz. Foi posto em leilão quando suas paredes estavam à meia altura, sendo arrematado por Leandro José da Costa que deu função residencial à construção, que apresenta cobertura de telhas de capa e canal, com beiral. As janelas com funcionamento tipo guilhotina apresentam escuros de madeira. Em parte do prédio funciona a Secretaria de Assistência Social e a outra parte é residencial (Figura 31).

O Antigo Teatro Sete de Abril foi subdividido atualmente em duas residências. A construção original data de 1830. O antigo prédio de alvenaria possuía cobertura em três águas, com telhas de capa e canal e beiral do tipo beira sob beira. A porta principal tem bandeira fixa, as janelas são de madeira com funcionamento tipo guilhotina e vergas em arco abatido (Figura 31).



Figura 31: Na imagem à esquerda: Prédio da antiga Cadeia. Na imagem à direita: Casas oriundas do prédio do Teatro Municipal 7 de Abril. **Fonte:** Fotos de Murilo Ávila, 2012.

O Palácio do Governo da República Rio-Grandense foi construído entre 1824 e 1826. Inicialmente pertenceu a Manoel Rodrigues Barbosa, um dos prósperos fazendeiros da então freguesia de Piratinim. É um dos prédios mais típicos e interessantes da época, com seu fogão gaúcho de chão e chaminé de sete bocas, tipo árabe, com pátio murado e poço interno. O telhado tem quatro águas e beiral arrematado com cornijas, janelas em arco abatido e portas cegas com bandeiras. Neste prédio de propriedade do Governo do estado, funciona a Secretaria de Cultura, Desporto e Cultura (Figura 32).



Figura 32: Na imagem à esquerda: Palácio do Governo da República Rio-Grandense. **Fonte:** Acervo da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo de Piratini. Na imagem à direita: Palácio do Governo da República Rio-Grandense. **Fonte:** Foto da autora, 2012.

O Museu Histórico Farroupilha foi construído em 1819 e originalmente pertenceu ao sobrinho de Bento Gonçalves da Silva, o Capitão Manoel Gonçalves Meireles. Possuía as características funcionais da época: o térreo era utilizado para comércio e o pavimento superior tinha a função de residência. Mais tarde, no andar térreo funcionou a primeira escola pública para meninos, no ano de 1837. O telhado é característico das construções luso-brasileiras, com quatro águas e telhas de capa e canal. As aberturas com vergas em arco abatido, tem janelas do tipo guilhotina e portas cegas (Figura 33).



Figura 33: Na imagem à esquerda: Museu Histórico Farroupilha. **Fonte:** Acervo da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo de Piratini. Na imagem à direita: Museu Histórico Farroupilha, após restauro concluído no ano de 2011. **Fonte:** Foto da autora, 2012.

O Sobrado da Dorada e o Sobrado de Vicente Lucas de Lima são bens tombados pelo IPHAE. O primeiro foi construído em 1830. O prédio pertenceu a Afonso Gasier, casado com Florinda Moreira, neta de Vicente Lucas de Oliveira. Nos fundos desse sobrado estava, situada num chapadão, a Fábrica de pólvoras e foguetes dos irmãos Gotuzzo Ferreira Pinto de Souza. É um prédio de uso residencial de dois pavimentos, com paredes de alvenaria estrutural de tijolos, rebocadas interna e externamente. Cobertura com telhas de barro tipo capa-e-canal, com beiral e cimalha, pilastras e friso de azulejos portugueses. O prédio, embora em péssimas condições de uso, ainda funciona como moradia. O segundo, também conhecido como Casa dos Azulejos, datando sua construção de 1830, era de propriedade de Vicente Lucas de Oliveira, o qual foi Presidente da Primeira Câmara Municipal de Piratini, tendo promulgado a criação da República Rio-Grandense em 1836. Prédio residencial de dois pavimentos com paredes de alvenaria estrutural de tijolos. Pavimento térreo revestido de emboço e reboco lisos. Pavimento superior revestido de azulejos portugueses com cunhais nas extremidades. Telhado de quatro águas com cobertura de telhas capa-e-canal e beiral arrematado por beira sob beira. Atualmente no prédio funciona uma casa comercial no térreo e no pavimento superior moradia (Figura 34).



Figura 34: Na imagem à esquerda: Sobrado da Dorada. **Fonte:** Foto de Otávio Alves, 2012. Na imagem à direita: Sobrado de Vicente Lucas de Oliveira. **Fonte:** Foto da autora, 2010.

2.4 O ecletismo nas edificações de Piratini

Segundo Marshall Berman (1986), o Século XIX foi marcado pelas transformações da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, no qual o grande público moderno e burguês ganhou importância, partilhando de um novo sentimento de viver em uma era revolucionária. Nesse período, nas cidades de todos os países surgiu uma nova paisagem urbana, caracterizada pelas novas tecnologias, pelas fábricas e pelos novos meios de comunicação, como: “os trens e navios a vapor, o telégrafo, o telefone e o rádio” (SANTOS, 2007). Instrumentos que modificaram as áreas urbanas, o pensamento e a vida das populações das cidades. Mas não é o caso de Piratini, onde o avanço tecnológico repercutiu modestamente. Porém, na arquitetura da cidade surgiu o estilo eclético.

Segundo Lúcio Costa, esse novo estilo, dependendo do avanço tecnológico e da distância dos focos econômicos e progressistas, transformou lentamente cidades e vilas.

As casas sofrem alterações devido a novas noções de educação familiar, assim como viver em sociedade, para se adaptarem aos novos costumes e ao novo gosto (...), tanto nas plantas quanto nos detalhes e composição plástica dos interiores e exteriores. É o gosto neoclássico, reforçado pelo horror a tudo que fosse barroco ou rococó, a tudo o que tivesse o ranço da época colonial. (COSTA, 1975)

“As edificações influenciadas pelo ecletismo apresentam platibandas cheias ou vazadas com balaústres, que escondiam os telhados e substituíram os antigos beirais salientes do luso-brasileiro, aberturas com vergas retas ou em arco pleno, portas-sacada e janelas com amplas vidraças e vidros coloridos nas bandeiras, ornamentos em massa de cimento, guarda-corpos e decorações em ferro forjado ou fundido, rusticidades nos embasamentos das casas de porão alto. Muitos desses elementos funcionais e ornamentais, agregados às fachadas dos prédios, eram importados da Europa: como os

vidros coloridos, as ferragens, os estuques, as esculturas de cerâmica alouçada ou moldadas em massa de cimento” (SANTOS, 2007).

O ecletismo tinha como inspiração a busca dos estilos do passado, “com aspectos decorativos de uma cultura própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso, valorizava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto” (PATETTA, 1987). Os diferentes hábitos dos imigrantes fizeram surgir uma nova implantação das residências urbanas nos lotes de terreno, que passaram a apresentar vazios centrais ou laterais, arranjados em pitorescos jardins (SANTOS, 2007), que romperam com as tradições do estilo luso-brasileiro.

Nas ruas do centro histórico encontramos vários exemplares do estilo eclético. Dentre eles a Prefeitura Municipal, construída em 1858 e remodelada em 1924, quando perdeu as características luso-brasileiras originais. Sua composição é simétrica, com a porta em arco pleno, platibanda cega, frontão retangular elevado com brasão em relevo e pilastras (Figura 35).



Figura 35: Na imagem à esquerda: Antiga Casa da Câmara, atual Prefeitura Municipal. **Fonte:** Acervo da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo de Piratini. Na imagem à direita: Prefeitura Municipal. **Fonte:** CUSTÓDIO, Luiz Antônio. **Roteiros de Arquitetura da Costa Doce.** Porto Alegre: Sebrae, 2009, p. 56.

A antiga moradia de Egydio Rosa foi construída por volta de 1887 e inicialmente pertenceu ao Major Felisberto Piégas, influente político de Piratini. Egydio da Costa Rosa foi prefeito de Piratini em 1932. O prédio é térreo, erguido em alvenaria de tijolos, possuindo porão alto com óculos de ventilação em forma oval e grades de ferro. A platibanda apresenta balaústres e panos cheios, encimada por pináculos. A porta é de madeira com encaixe do tipo

calha com duas folhas e verga em arco pleno com duas bandeiras fixas e vidros coloridos. As janelas têm vidros coloridos e postigos (Figura 36).

A antiga casa Fabião foi construída por volta de 1903, pertencente à família do Comendador Moreira Fabião, comerciante da então Vila de Piratiny. Neste prédio foi instalado o Grupo Escolar estadual, no ano de 1927. Prédio térreo com fachada chanfrada na esquina, paredes de alvenaria e platibanda vazada composta por colunelos e adornada com pináculos e compoteiras. As portas-janelas apresentam bandeiras e balcões com guarda-corpo em ferro, com soleiras de mármore. Na parte chanfrada da esquina há um frontão curvo com o monograma do proprietário e a data da construção. (Figura 36)

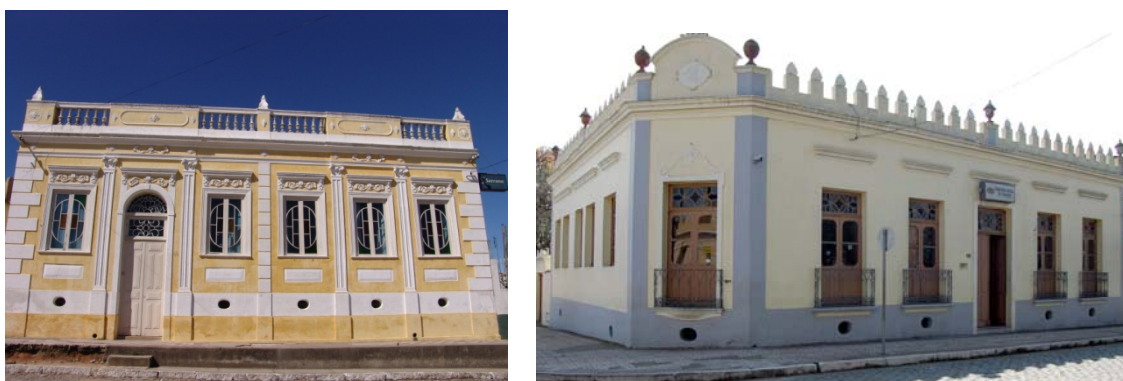


Figura 36: Na imagem à esquerda: Antiga residência de Egydio Rosa. **Fonte:** Foto de Otávio Alves, 2008. Na imagem à direita: Antiga Casa Fabião. **Fonte:** Foto de Murilo Ávila, 2012.

A residência de Pantaleão Médice da Silveira foi erguida em 1887. É uma casa térrea com elementos ecléticos na fachada de composição simétrica. Seus vãos são marcados por frisos e pilastras, platibanda mista, com parte cheia e o restante com balaústres e pinhas (Figura 37).

A Loja Maçônica Rio Branco foi construída em 1903. O prédio com composição mural simétrica apresenta frontão central marcando o acesso. Encontram-se na fachada vários símbolos maçônicos em relevo de massa de cimento (Figura 37).

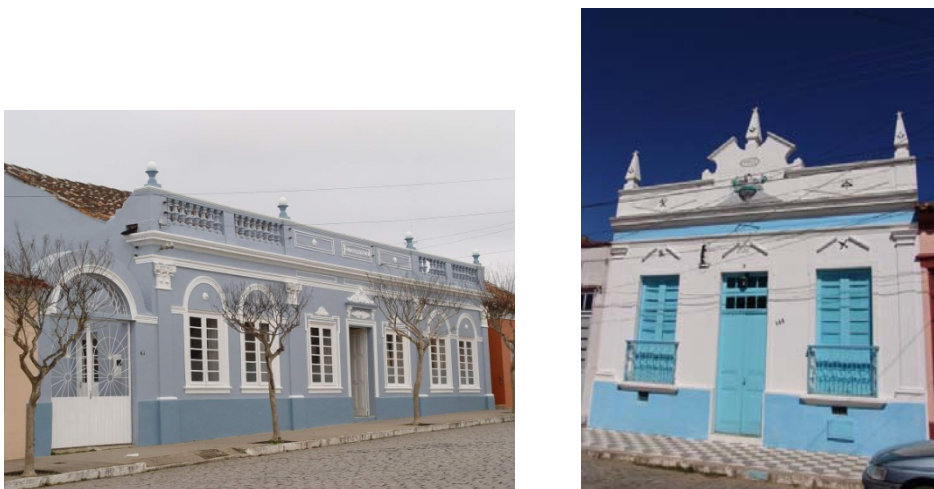


Figura 37: Na imagem à esquerda: Residência de Pantaleão Médice da Silveira. Na imagem à direita: Loja Maçônica Rio Branco. **Fonte:** Fotos de Otávio Alves, 2003 e 2008.

A antiga casa do Comendador Fabião foi construída entre 1800 e 1850. Moreira Fabião era político e comerciante, proprietário da firma “Fabião e Irmãos”, o mais importante estabelecimento comercial da localidade. A construção foi também moradia do escritor Barbosa Lessa. A casa possui porão alto e apresenta um único pavimento. A fachada é ritmada por pilastras caneladas com capitéis coríntios. A platibanda é vazada com balaústres, portas-janelas com guarda-corpo de ferro, bandeiras fixas com vidros coloridos. Dos casarões ecléticos de Piratini este é o mais ricamente ornamentado. Mesmo que essa construção tenha sofrido várias alterações nos ambientes interiores, a parte externa do prédio permanece sem alterações (Figura 38).

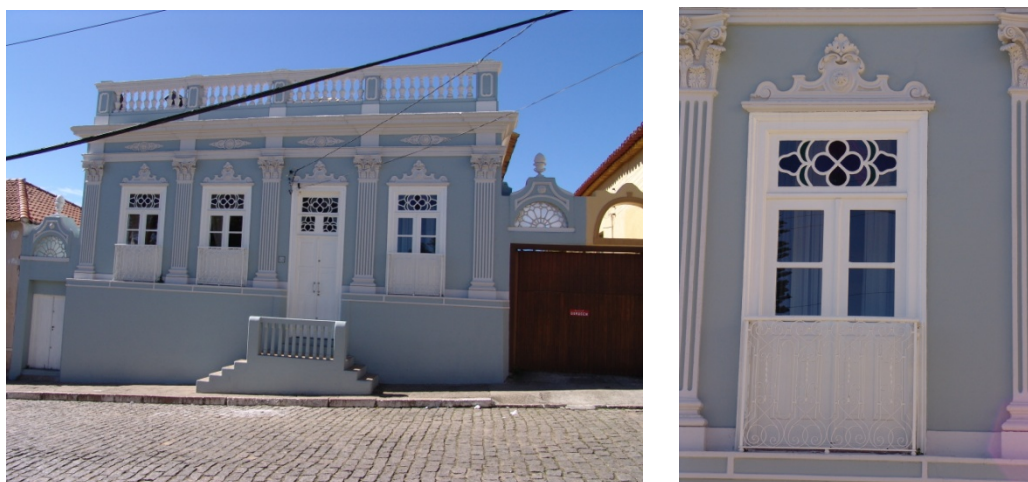


Figura 38: Na imagem à esquerda: Antiga Casa do Comendador Moreira Fabião. Na imagem à direita: Antiga Casa do Comendador Moreira Fabião. Detalhe das esquadrias com ferro e vidro colorido. **Fonte:** Fotos de Otávio Alves, 2008.

O antigo prédio no qual funcionou o Ministério da Guerra durante o período farroupilha é um sobrado que pertenceu a Ana Dias Gomes. Uma construção de esquina, com características originais alteradas ao gosto do ecletismo. Incorporou na caixa mural platibanda cheia, com elementos simples em relevo, e novas esquadrias com vergas retas e janelas de gelosia (Figura 39).



Figura 39: Na imagem à esquerda: Prédio Palácio do Governo da República Rio-Grandense e, ao lado, antigo Ministério da Guerra. **Fonte:** Acervo Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo de Piratini. Na imagem à direita: Prédio do antigo Ministério da Guerra. **Fonte:** Foto da autora, 2012.

CONCLUSÃO

Ao analisar a arquitetura civil edificada no Brasil durante dois séculos, identificou-se que durante o período se desenvolveram as estéticas luso-brasileira e o ecletismo, estilos próprios de uma sociedade que entrara em um processo de desenvolvimento resultante das inovações decorrentes da industrialização, que se manifestaram no país com algum retardo.

Enquanto o luso-brasileiro refletiu as influências portuguesas do período colonial e dos imigrantes açorianos, a corrente eclética se inseriu na região sul do Rio Grande do Sul juntamente com o processo de desenvolvimento tecnológico, concorrendo para o surgimento de novas técnicas de construção e para a utilização de novos materiais construtivos, muitas vezes importados, como as ferragens, os vidros coloridos e os ornamentos de estuque. A arquitetura erguida em Piratini não é diferente daquela edificada em outras cidades da região sul ou em diferentes regiões do país. O estilo luso-brasileiro deu lugar ao ecletismo e muitas casas coloniais sofreram modificações em suas fachadas, dando lugar à nova estética arquitetônica.

Em Piratini, os bens tombados pelo IPHAN e IPHAE possuem valor estético, embora quando tombados, tenha sido por seu caráter histórico, pois são importantes edificações que testemunharam a Revolução Farroupilha, marco da história do Rio Grande do Sul. As construções do estilo luso-brasileiro ou do ecletismo estão localizadas na zona mais antiga da cidade, local que gerou a vida, a política e a economia do município por vários anos e, que ainda hoje, se mantém como núcleo concentrador do comércio, da administração e das relações sociais da cidade.

As transformações da arquitetura e do urbanismo durante o Século XIX no Brasil não se diferenciaram das ocorridas em Piratini, mesmo que manifestadas na cidade de maneira mais modesta. Estas transformações surgiram durante o Período Imperial e se mantiveram durante o Período

Republicano. Após a proclamação da República, o fim da escravatura e a chegada de imigrantes, as cidades se transformaram com as interferências promovidas por arquitetos, construtores e artífices, que encontravam ocupação nas obras de edifícios monumentais.

Mesmo que não existam em Piratini políticas públicas para a conservação e restauração desses bens, organizadas em normas ou leis municipais, a preservação da arquitetura histórica piratiniense é uma prova da importância cultural do município para a sociedade atual, dado que essas construções evidenciam as raízes implantadas com a colonização europeia e as influências sofridas por movimentos artísticos. Por essas razões, é importante que a Administração da cidade se manifeste nesse sentido, criando dispositivos que incentivem interferências para a conservação e para a restauração desses prédios, se engajando aos trabalhos executados pelo IPHAE e pelo IPHAN.

REFERÊNCIAS

ABREU, Laura Maria Neves. Grandjean de Montigny: um arquiteto francês na corte dos trópicos. In: **Missão Artística Francesa**: Coleção Museu Nacional de Belas Artes. São Paulo : Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2007.

ALMEIDA, Davi. **Roteiro Histórico e Sentimental**. Piratini : CEAJ, 1997.

ALVES, Leila. **São João del Rei**. Rio de Janeiro : SPALA, 1995.

ÁVILA, Affonso; MACHADO, João Marcos; MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco mineiro**: glossário de arquitetura e ornamentação. Belo horizonte: Fundação João Pinheiro, 1980.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da Modernidade. São Paulo : Companhia das Letras, 1986.

BERTUSSI, Paulo Iroquez. **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1983.

COSTA, Lucio. Documentação Necessária. In: **Arquitetura Civil II**. São Paulo : FAUUSP; MEC; IPHAN, 1975.

ERMAKOFF, George. **Theatro Municipal do Rio de Janeiro**: 100 anos. Rio de Janeiro : Casa Editorial, 2010.

FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo : Nobel/ Universidade de São Paulo, 1987.

FILHO, Nestor Goulart Reis. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo : Perspectiva, 2006.

GRAU, Arnaldo Puig. **Síntese dos Estilos Arquitetônicos**. Barcelona : Platano, 1989.

IPHAE. **Patrimônio Edificado**: orientações para sua preservação. Porto Alegre : Corag, 2004.

IPHAE. **Diretrizes para o Disciplinamento na Área de Entorno dos Monumentos Tombados em Nível Federal e Estadual na Cidade de Piratini/RS**. Porto Alegre, março de 2006.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos Estilos Arquitetônicos**. São Paulo : Martins Fontes, 1996.

LE MOS, Carlos. **A casa brasileira**. São Paulo : Contexto, 1989.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Imperial**. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988.

____. **História do Brasil Colonial**. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo : Nobel/ Universidade de São Paulo, 1987.

PIRATINI-RS, **Projeto Pró-Memória**: Resumo Histórico. 1994.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura – Área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia. 2007.

____. **Espelhos, máscaras, vitrines**: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas, 1870-1930. Pelotas : EDUCAT, 2003.

____. **A arquitetura residencial e urbana no Rio Grande do Sul**: enfocando a cidade de Rio Pardo. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) Universidade Federal de Ouro Preto. 2003.

RODRIGUES, José Wasth. **A Casa de Moradia no Brasil Antigo**, Arquitetura civil I. Rio de Janeiro: Revista IPHAN 9. 1978.

VERGARA, Miguel Arturo Chamorro. **Cotidiano e Memória na Cidade Histórica de Piratini-RS**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

Sites consultados:
www.iphan.com.br
www.iphae.com.br
www.wikipedia.org